



# Ato na Paulista: sem confronto

Major da PM diz que grevistas seguiram orientações; os próprios manifestantes criaram um grupo de segurança

Eilda Oliveira

ESPECIAL PARA O ESTADO

Parte do trânsito das Avenidas Paulista e Brigadeiro Luis Antônio foi fechada por manifestantes das 18 às 15 horas da tarde de ontem. Alunos, professores e funcionários das três universidades estaduais paulistas (USP, Unesp e Unicamp) protestaram contra a presença da polícia militar no câmpus da USP no Butantã. O ato começou em frente ao Masp e terminou no Largo São Francisco.

Como "medida preventiva" perante a manifestação, a Faculdade de Direito da USP amanheceu fechada. Um comunicado colado na entrada dizia que a intenção era evitar riscos a alunos, funcionários e ao patrimônio da instituição. Alunos reclamaram porque perderam provas e acabaram engrossando o ato da tarde. "É uma atitude antidemocrática do diretor", disse Ivan de Franco, de 20 anos, aluno da instituição. Um colega discordou: "Entre fechar a faculdade e chamar a PM, eu fico com a primeira opção", disse Bernardo Pasowitch, também de 20 anos.

Ao contrário da manifestação ocorrida na USP no dia 9, quando houve confronto entre policiais e estudantes com bombas de gás lacrimogêneo, gás pimanta e balas de borracha, o ato de ontem terminou sem conflito - mas uma estudante do curso de Ciências Sociais da USP foi ferida. Segundo testemunhas, um morador de um edifício no cruzamento das avenidas Paulista e Brigadeiro Luis Antônio lançou um bloco de gelo que atingiu na testa, fazendo um corte no lado direito. Ela foi encaminhada para o Hospital Vergueiro.

Apesar do incidente, a avaliação do major Wanderley Barbosa Filho, responsável pela segurança do protesto, é que tudo terminou dentro do planejado. "Houve colaboração dos manifestantes, acatando nossas orientações."

Aproximadamente 100 grevistas formaram um comitê de segurança para que os demais não invadissem as vias. Outros 220 policiais seguiram a passeata, enquanto 50 permaneciam no Largo São Francisco.

Para o coordenador do Fórum das Seis, João Chaves, o re-

## REIVINDICAÇÕES

• **Reposição** da inflação de 6,1%, mais 10% para recuperar perdas históricas, além de R\$ 200. Para os funcionários do Centro Paula Souza, reajuste de 10% e recomposição das perdas salariais

• **Democratização** da estrutura administrativa, do funcionamento dos colegiados e da gestão. Eleições diretas para reitor

• **Autonomia** didático-científica, administrativa e de gestão, com revogação dos decretos do governo José Serra que motivaram a invasão da reitoria por 50 dias, em 2007

• **Contratações** por concurso público e revogação das políticas de terceirização. Garantia da manutenção do emprego dos atuais 5.214 ocupantes de vagas da USP que são contestadas pelo TCU

• **Fim da licenciatura a distância** criada neste ano

sultado foi positivo. "Esperávamos 3 mil pessoas, mas calculo que, no ápice, chegamos a cerca de 10 mil." Para a polícia militar, foram 1,5 mil manifestantes.

Mesmo com a intenção de divulgar as pautas da greve, a manifestação causou estranhamento. "Quem é Suelly?", perguntaram Bruna Belem e Giovanna Vidigal, de 15 e 16 anos, que estavam em frente a um curso pré-vestibular. O analista financeiro Vitor Lauria, de 27, não gostou do protesto. "Atrapalha a vida de todo mundo", disse.

Na segunda-feira haverá uma reunião entre o Fórum das Seis e o Cruesp para retomar as negociações. Os grevistas dizem que só entrarão na reitoria se a polícia militar tiver saído do câmpus. •

COLABOROU MARCELA SPINOSA



SÓ UM FERIDO - Não houve confronto entre estudantes e policiais, mas uma estudante foi atingida por um bloco de gelo atirado por morador

## Dilema com governo adia curso a distância

Licenciatura em Ciências para professor deverá começar só ano que vem

O curso a distância para formação de professores da Universidade de São Paulo (USP) é motivo de mais um desentendimento entre a instituição e o governo do Estado. O convênio para que o curso fosse oferecido por meio do programa estadual Universidade Virtual do Estado de São Paulo (Univesp) no segundo semestre ainda não foi assinado porque as duas partes não chegaram a um acordo. Por causa disso, o curso só deve começar no ano que vem.

Apesar de a não implementação de cursos a distância ser parte das reivindicações da greve na USP, que dura 46 dias, os problemas começaram antes. Governo e universidade concordam apenas um ponto: o curso tem qualidade, deve ser implementado e os grevistas estão desinformados sobre ele.

A discórdia vem do fato de professores da USP envolvidos no projeto considerarem que o governo pretende interferir no curso e usar as informações provenientes dele. "Só vamos assinar o convênio se for como entendemos que deve ser, não como o governo quer. Esse é um curso da USP, feito pela USP", afirma José Cipolla Neto, coordenador do novo curso.

Segundo o secretário estadual de Ensino Superior, Carlos Vogt, a Univesp vai apenas viabilizar os cursos oferecidos pelas universidades, com apoio financeiro e tecnológico. "Deve estar havendo algum mal-entendido quanto àquilo que a secretaria deseja. A secretaria não tem competência para oferecer curso nenhum." Vogt confirma que a secretaria tem interesse em compartilhar o banco

## RUÍDO

**Carlos Vogt**  
Secretário de Ensino Superior de SP

"Deve estar havendo algum mal-entendido quanto àquilo que a secretaria deseja"

**José Cipolla Neto**  
Coordenador do curso a distância da USP

"O curso foi aprovado por todas as instâncias da USP e vai ser feito, cedo ou tarde, com ou sem o governo"

de dados que será produzido pelo curso - um dos itens dos quais a USP discorda. "Temos de fazer acompanhamento, avaliação, porque a secretaria é responsável pela iniciativa."

A Univesp é um consórcio criado pelo governo que vai reunir cursos a distância de USP, Unesp e Unicamp para formação de professores. O curso da USP de Licenciatura em Ciências foi aprovado na instituição e os R\$ 12 milhões de custo viriam do governo. A previsão era que começasse em setembro. "O curso foi aprovado por todas as instâncias da USP e vai ser feito, cedo ou tarde, com ou sem o governo", diz Cipolla.

Fora os desentendimentos entre o governo e a reitoria na greve de 2007, houve problemas no Programa de Avaliação Seriada (Pasusp). O governo bancou em 2008 o projeto, que oferece provas para alunos da rede pública, mas não gostou do resultado. A USP disse que fará o exame sem o governo. •

RENATA CAFARDO • SIMONE IWASSO